

O RENDIMENTO DE EQUIPES DO FUTEBOL BRASILEIRO NOS MOMENTOS PRÉ E PÓS TROCA DE COMANDO

Pedro Santos Ribeiro Lages¹, Yves Miranda², Marcos Antonio Barros Filho²
Carlos Augusto Mulatinho de Queiroz Pedroso²

RESUMO

O futebol, esporte mais popular do mundo, é disputado dentro de campo por 22 jogadores, mas, fora das quatro linhas, também há indivíduos que causam impacto no jogo. Entre esses indivíduos, o treinador é um dos que tem mais destaque e importância e, por isso, em muitos casos, ele é dito como o responsável direto pelo sucesso ou fracasso do desempenho da equipe. O objetivo desse estudo foi analisar o rendimento de equipes do futebol brasileiro nos momentos pré e pós-troca de comando. Foram observadas trocas de comando de 23 equipes das séries A e/ou B por três temporadas, sendo de 2017 a 2019. As trocas puderam ser inseridas em até 3 estágios de comparação, tendo os treinadores pré e pós troca tido seu rendimento comparado em 5 (1º estágio), 10 (2º estágio) ou 15 jogos (3º estágio). Após análise dos dados no programa SPSS, foi verificado que, nos dois primeiros estágios, houve uma diferença estatisticamente significativa entre as médias de rendimento, tendo a média no momento pós sido maior em ambos os estágios. Já no terceiro estágio, as médias não apresentaram diferença estatisticamente significativa. Os resultados encontrados trazem à tona o questionamento se as trocas de comando são realmente a melhor opção quando se busca uma melhora de rendimento a curto prazo, com as trocas gerando um ganho de pouco mais de dois pontos. Quanto a longo prazo, se faz necessário uma maior amostra de casos para se chegar a um melhor entendimento acerca dos resultados.

Palavras-chave: Futebol. Organização. Administração.

1 - Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, Brasil.
2 - Grupo de Pesquisa em Esporte e Gestão (GEquip), Universidade de Pernambuco, Recife-PE, Brasil.

ABSTRACT

The performance of Brazilian football teams in the moments pre and post change of command

The football, most popular sport in the world, is played by 22 players, but there is some people that impact the game from the outside of the field. Among these people the coach is one of the most important and, that's why, in many cases, he is taken as accountable for the success or the failure of the team. The purpose of this study was to analyze the performance of Brazilian football teams in the moments before and after a change of command. Changes in command of 23 teams that played series A and/or B were observed for three seasons, from 2017 to 2019. These changes could be added in up to 3 comparison stages, where the coaches before and after the change had their performance compared in 5 (1st stage) 10 (2nd stage) or 15 games (3rd stage). After data analysis in SPSS software, it was found that, in the first two stages, there was a statistically significant difference between the averages of performance, where the performance after the change was better in both stages. Meanwhile, in the third stage the averages didn't show difference statistically significant. The results found bring up the question of whether command changes are really the best option when looking for a short-term improvement in performance, with changes leading to a gain of just over two points. As for the long-term, a larger sample of cases is necessary to reach a better understanding of the results.

Key words: Football. Organization. Administration.

E-mail dos autores:
pedro-srl@hotmail.com
miranda95y@gmail.com
marcos.barrosf@hotmail.com
carlos.mulatinho@upe.br

INTRODUÇÃO

O futebol, esporte mais popular do mundo (Chade, 2015), é disputado dentro de campo por 22 jogadores, sendo 11 em cada equipe, mas, fora das quatro linhas, também há indivíduos que causam impacto no jogo.

Diretores definindo contratação e dispensa da comissão, preparadores físicos trabalhando a aptidão física dos atletas, analistas fazendo relatórios de equipes adversárias, esses são só alguns dos cargos extracampo que existem no futebol e que podem impactar no rendimento de uma equipe.

Dentre esses cargos também há os treinadores, conhecidos como managers em alguns lugares, eles desempenham uma função de muitas responsabilidades e, conseqüentemente, grande impacto dentro dos clubes.

Eles vão atuar decidindo as táticas e os jogadores utilizados pelas equipes, vão ter o papel de motivar o plantel, indicar contratações e dispensas, ou seja, gerenciar recursos humanos e até financeiros, além de serem uma figura pública que representa o clube em suas falas e ações (Hughes e colaboradores, 2010; Nissen, 2016).

Por exercerem todas essas funções, em muitos casos, eles são ditos como os responsáveis diretos pelo sucesso ou fracasso do desempenho da equipe. Isto, juntamente com o crescente imediatismo por sucesso no mundo do futebol, está levando a uma tendência de que os clubes demitam de forma mais rápida seus treinadores, aumentando a frequência de trocas de comando (Arnulf, Mathisen e Hærem, 2012). Um bom exemplo é a liga inglesa de futebol, na qual a chance de o treinador ser demitido aumentou em 30% nos anos 2000 quando comparado a década de 50 (D'Addona e Kind, 2014).

Quando uma troca de comando ocorre, vários motivos podem ser levados em conta para essa tomada de decisão, contudo, o retrospecto recente da equipe tende a ser um ponto de grande influência. Uma sequência de resultados ruins nos últimos 3 jogos (Frick, Barros e Prinz, 2010), 4 jogos (Paola e Scoppa, 2012), ou até uma queda de rendimento nos últimos 2 meses (Balduck, Buelens e Philippaerts, 2010) podem ser o suficiente para um clube optar pela troca de seu treinador.

O peso de possíveis perdas financeiras, advindas de fracassos em competições e rebaixamentos nas ligas também impacta bastante na segurança do cargo de um treinador.

Em casos que ele tenha participado ativamente da escolha de uma grande parcela dos jogadores da equipe, ou tenha pouco tempo restante no contrato, suas chances de demissão podem aumentar consideravelmente (Ter Weel, 2011).

Pressão da mídia, assim como dos torcedores do clube, são outros fatores que vão pesar nas decisões de demitir ou não um treinador (D'Addona e Kind, 2014).

Com tudo isso, essas trocas no comando vêm se tornando um ato amplamente aceito como o correto, assim como o mais simples, a ser feito quando a equipe não cumpre ou não está cumprindo com suas expectativas.

Independente dos motivos que levam um clube a optar por uma troca de comando, o resultado desejado é sempre o mesmo, que a equipe melhore o seu rendimento.

Vários estudos têm sido feitos com o intuito de observar qual é a implicação gerada por essas mudanças de comando no rendimento do time.

Alguns estudos observaram impactos positivos a curto e/ou a longo prazo (González-Gómez, Picazo-Tadeo e García-Rubio, 2011; Bento e Silva, 2016; Rocaboy e Pavlik, 2020; Scelles e Llorca., 2020), já outros observaram que as mudanças não geraram impactos significativos (Wirl e Sagmeister, 2008; Ter Weel, 2011; Paola e Scoppa, 2012), ou até geraram impactos negativos no desempenho da equipe (Audas, Dobson e Goddard, 2002; Freitas Alves, Cirino, Cunha Cassuce, 2019).

Com todas as informações ditas anteriormente, fica evidente o aumento de trocas de comando em equipes de futebol e os vários motivos que podem levar um clube a tomar essa decisão. Indo na direção desse aumento estão as ligas brasileiras de futebol, elas são conhecidas pela alta instabilidade do cargo dos treinadores e, conseqüentemente, alta rotatividade no comando das equipes (Freitas Alves, Cirino, Cunha Cassuce, 2019).

Portanto, dentro desse cenário do futebol brasileiro, torna-se fundamental conhecer as implicações que as trocas de comando podem gerar no rendimento das

equipes, para desse modo entender quando se faz realmente necessário optar pela demissão de um treinador.

Tendo com isso, uma redução nas chances do clube de tomar decisões precipitadas e de entrar em um ciclo vicioso de trocas de comando.

Sendo assim, o estudo teve como objetivo analisar o rendimento de equipes do futebol brasileiro nos momentos pré e pós troca de comando.

MATERIAIS E MÉTODOS

Delineamento

O presente estudo pode ser considerado como de caráter quantitativo e com base nos seus objetivos uma investigação exploratória, pois proporciona maior familiaridade com o problema analisado, para torná-lo mais explícito (Gil, 2002).

Amostra

Foram analisados os jogos de equipes que estiveram presentes na Série A e/ou Série B do campeonato Brasileiro entre os anos de 2017 e 2019 e que passaram por mudanças de comando, com o mínimo de uma troca de comando durante as três temporadas. Além disso, as equipes tinham que estar presentes na matéria "Rotatividade dos Técnicos" no site do GE da Globo (Globoesporte, 2021).

Ao todo foram analisadas mudanças de comando de 23 equipes. Elas são América-MG, Atlético-PR, Atlético-MG, Bahia, Botafogo, Ceará, Chapecoense, Corinthians, Coritiba, Cruzeiro, Figueirense, Flamengo, Fluminense, Goiás, Internacional, Palmeiras, Paraná, Ponte Preta, Santos, São Paulo, Sport, Vasco e Vitória.

Treinadores que não atingiram a quantidade mínima de jogos para o estágio 1 (cinco jogos) não foram incluídos nas comparações de estágios, porém foram contabilizados no número total de trocas de comando.

Só foram analisadas as trocas de comando que ocorreram após o início da disputa do campeonato brasileiro. Jogos de diferentes competições foram incluídos na estatística de rendimento da equipe sob o comando do treinador, desde que o jogo tenha

sido disputado após a primeira partida pelo campeonato brasileiro e tenha sido por uma competição regional, nacional, continental ou internacional, não sendo contabilizado os jogos de competições estaduais.

Em situações que o treinador interino foi efetivado no cargo, seus jogos como interino entraram na contabilização total de jogos e, caso tenha atingido o mínimo de jogos para o estágio 1 (cinco jogos), seu rendimento foi comparado com o do treinador antecessor e/ou sucessor ao seu período.

Procedimentos

O calendário de jogos das equipes nas edições de 2017, 2018 e 2019 e, conseqüentemente, o rendimento dos treinadores, foi coletado através do site da CBF, do site transfermarkt e da página de partidas de cada equipe em específico que está disponível no google.

O resultado e súmula das partidas foi comparado por essas três fontes a fim de evitar possíveis erros de resultados, datas dos jogos, além de confirmar o treinador em específico que estava no comando da equipe.

As datas de entrada e saída dos treinadores das equipes foram pegadas através da página "Rotatividade dos Técnicos", matéria que está em constante atualização no site do GE da Globo, e do perfil do treinador no site transfermarkt.

Análise dos dados

Os treinadores foram comparados em até 3 estágios (Figura 1). O estágio 1 foi composto de 5 jogos, ou seja, os 5 últimos jogos do treinador pré-troca de comando com os 5 primeiros jogos do treinador pós-troca de comando.

O estágio 2 foi composto por 10 jogos, sendo os 10 últimos jogos do treinador pré-troca com os 10 primeiros jogos do treinador pós-troca.

Por fim, o estágio 3 foi composto por 15 jogos, sendo os 15 últimos jogos do treinador pré-troca com os 15 primeiros jogos do treinador pós-troca. Esse formato buscou comparar o rendimento deles em um mesmo intervalo de jogos. O treinador com o menor número de jogos é que definiu em quantos estágios os treinadores foram comparados.

O rendimento das equipes sob o comando dos treinadores foi calculado através do total de pontos ganhos no intervalo de jogos referentes aos estágios.

Deste modo, o rendimento no estágio 1 de um treinador da equipe foi o seu total de pontos ganhos no intervalo de 5 jogos.

No estágio 2 o total de pontos obtidos no intervalo de 10 jogos, já no estágio 3 o total de pontos obtidos no intervalo de 15 jogos.

Esse total de pontos obtido pelo treinador foi comparado com o total obtido pelo treinador antecessor e/ou sucessor, sendo eles comparados pelos estágios que o treinador com o menor número de jogos se encaixou.

O rendimento dos treinadores foi analisado com o objetivo de verificar possíveis diferenças no rendimento da equipe após ela passar por uma troca de comando.

Portanto, as trocas foram analisadas com o intuito de observar o rendimento do novo treinador (sucessor) em relação ao do antigo (antecessor).

Por exemplo, se uma equipe teve um total de três treinadores durante o período analisado em determinado ano, os treinadores foram comparados da seguinte forma: o

rendimento do treinador um foi comparado com o rendimento do treinador dois, onde o foco foi analisar possíveis diferenças de rendimento na equipe após a chegada do treinador dois.

O treinador dois teve seu rendimento comparado com o do três, onde o foco foi analisar possíveis diferenças de rendimento na equipe após a chegada do treinador três. Caso a equipe tenha tido um único treinador durante o período analisado em um mesmo ano, o rendimento dele não foi usado na pesquisa.

Após os dados referentes as trocas de comando terem sido coletados, foi utilizado o Teste t Student de medidas independentes para definir se houve uma diferença estatisticamente significativa entre as médias de rendimento dos treinadores pré-troca de comando e pós-troca de comando.

Essa média foi feita e calculada através de todas as trocas de comando computadas nos três anos que foram incluídas, pelo menos, no estágio 1, sendo os rendimentos analisados em seus respectivos estágios.

Os cálculos e análises foram feitos através do software IBM SPSS Statistics V22.0. Foi assumido um valor para p de 0,05, sendo menor que esse valor significativo.

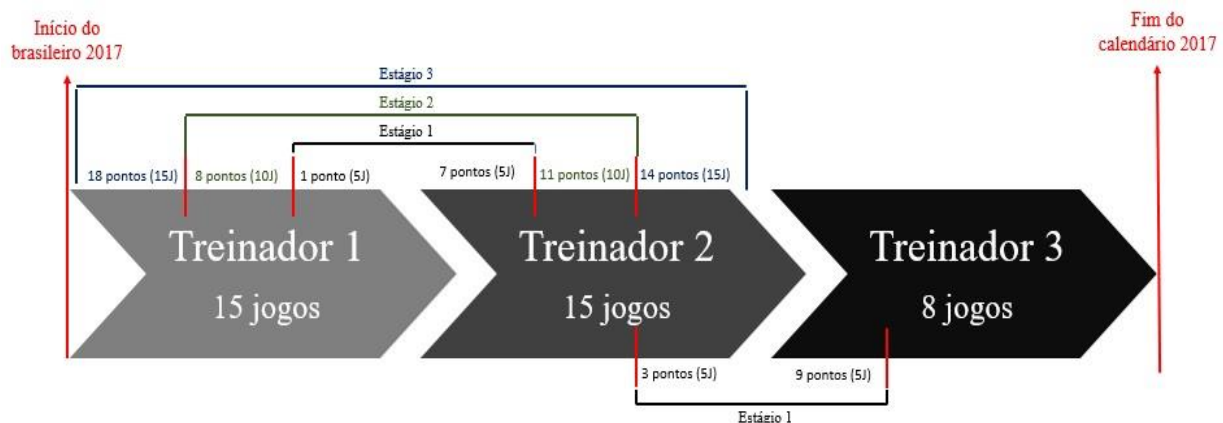


Figura 1 - Exemplo das trocas de comando analisadas na equipe da Chapecoense em 2017.

RESULTADOS

Durante as três temporadas incluídas na pesquisa, as 23 equipes observadas realizaram um total de 2.204 jogos com seus treinadores efetivos no cargo, esses jogos tiveram seus resultados analisados e contabilizados para se obter os resultados do estudo.

Durante o período analisado, um total de 137 treinadores passaram por essas equipes, tendo uma média de apenas 16 jogos no comando de uma equipe.

Dos 137 treinadores que passaram pelas equipes, 14 não conseguiram nem atingir a marca de 5 jogos, o que representa, aproximadamente, 10% do total.

Entretanto, 64 treinadores, 46% do total, atingiram a marca de pelo menos 15 jogos no comando da equipe.

Como pode ser visto na tabela 1, ocorreram um total de 85 trocas de comando no período observado.

Dessas 85 trocas, 70 foram resultado da demissão do treinador por opção do clube, apenas 9 ocorreram devido ao treinador ter pedido demissão, e 6 devido ao treinador ter aceitado outra oferta de trabalho.

O ano com mais trocas de comando foi 2018, com 33 ao todo, tendo 23 dessas trocas ocorrido devido a demissão do treinador pelo clube, 6 trocas devido um pedido de demissão do próprio treinador, e 4 devido ao treinador ter aceitado uma oferta de trabalho de outro clube. 2019 foi o ano que teve o menor número de trocas de comando entre as equipes, com 24 ao todo, tendo 21 dessas trocas ocorrido devido a demissão do treinador pelo clube, e 3 devido um pedido de demissão do próprio treinador. Já 2017 teve 28 trocas de comando ao total, tendo 26 dessas trocas ocorrido devido a demissão do treinador pelo clube, e 2 devido ao treinador ter aceitado uma oferta de trabalho de outro clube.

Devido ao menor número de trocas de comando, 2019 foi o ano que mais equipes mantiveram seu treinador durante todo o período analisado, onde 7 das 23 equipes não passaram por alguma troca de comando. 2018 foi o ano que isso menos aconteceu, tendo apenas 2 das 23 equipes não passado por uma troca de comando. Já em 2017, apenas 6 das 23 equipes não passaram por alguma troca de comando.

Dentre o número total de trocas de comando, 17 trocas tiveram, ao menos, um treinador que não atingiu o critério mínimo de 5 jogos e, portanto, essas trocas não foram incluídas na análise.

Já 68 dessas trocas puderam ser incluídas no estágio 1 da pesquisa, tendo 21 dessas trocas ocorrido em 2017, 27 ocorrido em 2018, e 20 ocorrido em 2019.

O estágio 2 foi composto por um total de 36 trocas de comando, tendo 11 dessas trocas ocorrido em 2017, 15 ocorrido em 2018, e 10 ocorrido em 2019.

Apenas 12 trocas foram incluídas no estágio 3, tendo ocorrido 4 trocas em cada um dos anos analisados.

Tabela 1 - Dados descritivos sobre as trocas de comando entre os anos de 2017 e 2019.

Variável	Ano			Total	Média
	2017	2018	2019		
Trocas de comando	28	33	24	85	28,3
Demitido	26	23	21	70	23,3
Pediu demissão	0	6	3	9	3
Outra oferta de trabalho	2	4	0	6	2
Equipes sem troca de comando	6	2	7	15	5
Equipes com troca de comando	17	21	16	54	18
Trocas no Estágio 1	21	27	20	68	22,6
Trocas no Estágio 2	11	15	10	36	12
Trocas no Estágio 3	4	4	4	12	4

A tabela 2 mostra a média de rendimento obtido pelas equipes nos diferentes estágios nos momentos pré e pós troca de comando.

No estágio 1, ou seja, no intervalo de 5 jogos antes e depois da troca de comando, a média de rendimento das equipes foi de 4,68 pontos nos 5 jogos antes da troca de comando e 6,76 pontos nos 5 jogos após a troca.

No estágio 2, referente ao intervalo de 10 jogos antes e depois da troca, a média de rendimento das equipes foi de 11,11 pontos nos 10 jogos antes da troca e 13,69 nos 10 jogos após a troca.

Já no estágio 3, referente ao intervalo de 15 jogos antes e depois da troca, a média de rendimento das equipes foi de 20,68 pontos nos 15 jogos antes da troca e 23,33 pontos nos 15 jogos após a troca.

Conforme mostra a tabela 2, o teste t foi realizado para os resultados obtidos nos diferentes estágios. Os estágios 1 e 2 resultaram em um $p < 0,05$, ou seja, tiveram diferenças estatisticamente significativas entre

as médias de rendimento pré e pós troca de comando. Já no estágio 3 o resultado foi um $p > 0,05$, ou seja, não houve diferença estatisticamente significativa entre as médias de rendimento das equipes nesse estágio.

Tabela 2 - Comparação entre os momentos pré e pós trocas dos técnicos de acordo com o estágio analisado.

Estágio	Momento	Média	Desvio padrão	Teste t	p
1	Pré	4,68	2,359	-4,505	< 0,01
	Pós	6,76	3,008		
2	Pré	11,11	3,302	-2,707	< 0,01
	Pós	13,69	4,677		
3	Pré	20,58	4,795	-1,074	ns
	Pós	23,33	7,463		

Nota: ns = Não significativo

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo geral analisar o rendimento de equipes do futebol brasileiro nos momentos pré e pós troca de comando.

Analisando os dados apresentados na seção anterior, fica claro a alta rotatividade de treinadores entre os clubes brasileiros que foram incluídos na pesquisa.

Com um total de 85 trocas de comando em um período de três anos, o que dá uma média de aproximadamente 28 trocas de comando por temporada, a taxa de rotatividade dos treinadores fica muito acima do encontrado em estudos de outras ligas.

Frick, Barros e Prinz (2010) observaram uma média de 7.6 trocas por temporada em um intervalo de 22 anos no futebol alemão.

Wirl e Sagmeister (2008) observaram uma média de 5.2 trocas em um intervalo de 10 anos no futebol austríaco. Já Scelles e Llorca (2020) observaram uma média de 4.8 demissões em um intervalo de 16 anos no futebol francês.

Nenhum desses resultados chega na metade da média encontrada no atual estudo, entretanto, o resultado da pesquisa corrobora com o que foi encontrado em outros estudos sobre a liga brasileira (Bento e Silva, 2016; Wipel e colaboradores, 2018), com ao menos 16 trocas de comando em uma única temporada. Isso pode se dar pela existência de

uma cultura, dentro do futebol brasileiro, que exige o sucesso imediato, sem tempo para planejamentos e desenvolvimentos a médio e longo prazo. O que resulta em uma grande quantidade de trocas de comando entre as equipes do país.

Os treinadores tiveram uma média de apenas 16 jogos no comando de uma equipe, valor bem próximo da média de 15 jogos encontrada por Wipel e colaboradores (2018). Dos 137 treinadores que passaram pelas equipes, 14 não conseguiram nem atingir a marca de 5 jogos, e 64 treinadores, 46% do total, atingiram a marca de pelo menos 15 jogos no comando da equipe.

Esses números, mais uma vez, corroboram com a ideia de que o futebol brasileiro tem uma alta rotatividade do comando técnico, onde mais da metade dos treinadores da pesquisa tiveram 14 ou menos jogos no comando de uma equipe antes dela passar por uma troca de comando.

O ano com o menor número de trocas de comando foi 2019. Esse dado acaba indo contra o que foi achado no estudo de Scelles e Llorca (2020) no futebol francês, de que, após o anúncio de um aumento na premiação advinda dos direitos televisivos, o número de trocas de comando é maior do que quando comparado a outras temporadas.

Graças aos direitos televisivos, o campeonato brasileiro passou por um aumento milionário na premiação a partir da edição de 2019 (Superesportes, 2019), tendo o anúncio

desse aumento ocorrido no início do mesmo ano.

Entretanto, 2018 acabou sendo o ano com o maior número de trocas de comando. Esse fato mostra que em uma liga estrangeira é necessária uma maior pressão financeira para se ter um aumento no número de demissões de treinadores, enquanto no Brasil, já há constantemente uma enorme pressão por resultados, independente de aumento de premiação em competições.

Nas três temporadas analisadas no estudo, foi observado que a maioria das equipes passava por ao menos uma troca de comando por temporada, sendo 7, de um total de 23, o maior número de equipes que não passaram por ao menos uma troca de comando durante uma temporada observada.

Esses dados ficam acima do encontrado em estudos de outras ligas. Rocaboy e Pavlik (2020), em seu estudo sobre as ligas inglesa e francesa, encontraram uma maior tendência de as equipes passarem toda a temporada com o mesmo treinador.

Analisando 2 temporadas em cada liga, eles observaram que na França, de um total de 20 equipes, 10 não passaram por alguma troca de comando na primeira temporada analisada, e 14 não passaram por troca de comando na segunda. Já na Inglaterra esse número é ainda maior, onde, de um total de 20 equipes, 13 não passaram por troca de comando na primeira temporada, e 15 não passaram por troca de comando na segunda.

Já Van Ours e Van Tuijl (2016), em seu estudo de 14 temporadas sobre o futebol holandês, observaram um mínimo de 11 equipes, de um total de 18, que não passaram por alguma troca de comando durante uma temporada, sendo 16 o maior número, em uma mesma temporada, de equipes que não passaram por troca de comando.

Esses números mostram como no futebol brasileiro é mais comum que as equipes passem por alguma troca de comando, sendo difícil a permanência de um mesmo treinador o ano inteiro.

Uma falta de planejamento, além de interpretações de que a não conquista de títulos é um significado de fracasso, são algumas das possíveis razões que fazem com que muitas equipes passem por ao menos uma troca de comando por temporada.

Estudos da literatura pontuam que um dos principais fatores que levam um clube a optar por uma troca de comando é o retrospecto recente da equipe (Balduck, Buelens e Philippaerts, 2010; Frick, Barros e Prinz, 2010; Paola e Scoppa, 2012), e os resultados dessa pesquisa vão de encontro a essa afirmação.

As médias de rendimento no momento anterior a troca de comando nos dois primeiros estágios, 4,78 no estágio 1 e 11,11 no estágio 2, estão abaixo das médias pós-troca nos mesmos estágios, e representam um aproveitamento menor que 38% em ambos os casos. Isso mostra o impacto que um rendimento ruim, em um intervalo de até 10 jogos, pode ter na hora de se optar pela troca de comando em uma equipe do futebol brasileiro.

Com relação ao rendimento dos treinadores, em uma maior parcela das trocas de comando analisadas, o treinador pós troca obteve um rendimento melhor que o seu antecessor dentro de um mesmo intervalo de jogos.

Nos estágios 1 e 2, mais de 60% das trocas levaram a equipe a melhorar seu rendimento, além do teste t ter resultado em um $p < 0,05$, mostrando que há uma diferença estatisticamente significativa entre as médias de rendimento pré e pós troca nesses dois estágios.

Esse resultado está de acordo com o obtido em outros estudos (Hughes e colaboradores, 2010; González-Gómez, Picazo-Tadeo e García-Rubio, 2011; Bento e Silva, 2016; Rocaboy e Pavlik, 2020; Scelles e Llorca., 2020) de que as trocas de comando podem melhorar o rendimento da equipe.

Essa melhora no rendimento pode se dar por um aumento da motivação e esforço dos atletas, com o objetivo de impressionar e conquistar seu espaço com a chegada do novo treinador, entretanto, com o tempo isso desaparece e o rendimento da equipe tende a voltar aos níveis apresentados anteriormente.

Até por isso, quando se chega no estágio 3, as trocas que levam a uma queda de desempenho tendem a representar uma maior porcentagem do total, quando comparado aos estágios anteriores.

As trocas que levaram a uma queda representaram mais de 40% do total, além do teste t ter resultado em um $p > 0,05$, mostrando

que não há diferença estatisticamente significativa entre as médias de rendimento pré e pós troca nesse estágio.

Esses resultados encontrados vão de acordo com outro estudo (Hughes e colaboradores, 2010), onde a troca de comando pode levar a uma melhora no rendimento da equipe a curto prazo, entretanto, a longo prazo essa melhora tende a desaparecer, gerando um rendimento similar, ou até pior, que o de antes da troca de comando.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como finalidade observar possíveis diferenças nos rendimentos apresentados pelas equipes nos momentos pré e pós troca de comando em diferentes estágios.

Observou-se que as trocas de comando nos estágios 1 e 2 levaram a uma melhora no rendimento das equipes, tendo uma diferença estatisticamente significativa entre os momentos pré e pós.

Entretanto, essa melhora, em ambos os estágios, se resumiu a um ganho de apenas 2 pontos a mais no momento pós-troca.

No estágio 3, além da amostra ter sido bem menor que a dos outros estágios, não houve diferença estatisticamente significativa entre os rendimentos pré e pós-troca de comando.

Esses resultados levantam o questionamento se as trocas de comando são realmente a melhor opção quando se busca uma melhora de rendimento a curto prazo, onde a troca de comando gera uma quantidade a mais de pontos que não representa nem o valor de uma vitória, podendo não ser o suficiente para bancar essa cultura de trocas de comando no Brasil.

Já no estágio 3, se faz necessário uma maior amostra de casos para se chegar a um melhor entendimento acerca dos resultados a médio e/ou longo prazo das trocas de comando.

Os dados encontrados nesse estudo, quando comparado a dados de estudos de outros países, comprovam o elevado número de trocas de comando que acontecem no Brasil, o que gera uma sequência de trabalhos curtos dos treinadores nas equipes, por isso uma maior amostra de casos nos estágios iniciais.

O atual estudo teve como limitações a falta de observação de possíveis variáveis que podem influenciar nos resultados das partidas, como jogos dentro ou fora de casa, adversários do topo ou fundo da tabela, entre outras variáveis.

Outra limitação foi a amostra bem inferior para os dois últimos estágios observados quando se comparado ao primeiro estágio.

Para futuros estudos sugere-se observar as variáveis que podem influenciar nos resultados das partidas, além de uma possível observação por mais temporadas, e de uma análise de todo o calendário do futebol brasileiro.

REFERÊNCIAS

- 1-Arnulf, J. K.; Mathisen, J. E.; Hærem, T. Heroic leadership illusions in football teams: Rationality, decision making and noise-signal ratio in the firing of football managers. *Leadership*. Vol. 8. Num. 2. 2012. p. 169-185.
- 2-Audas, R.; Dobson, S.; Goddard, J. The impact of managerial change on team performance in professional sports. *Journal of Economics and Business*. Vol. 54. Num. 6. 2002. p. 633-650.
- 3-Baldock, A.; Buelens, M.; Philippaerts, R. Short-term effects of midseason coach turnover on team performance in soccer. *Research quarterly for exercise and sport*. Vol. 81. Num. 3. 2010. p. 379-383.
- 4-Bento, A.; Silva, N. Comportamento proativo nas organizações: uma análise do desempenho dos clubes do futebol brasileiro em função das trocas constantes da comissão técnica. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*. Vol. 36. Num. 90. 2016. p. 176-191.
- 5-Chade, J. Política, propina e futebol: Como o padrão Fifa ameaça o esporte mais popular do planeta. Rio de Janeiro. *Objetiva*. 2015. p. 344
- 6-D'Addona, S.; Kind, A. Forced manager turnovers in English soccer leagues: a long-term perspective. *Journal of Sports Economics*. Vol. 15. Num. 2. 2014. p. 150-179.

7-Freitas Alves, J.; Cirino, J. F.; Cunha Cassuce, F. C. Determinantes do aproveitamento final de pontos das equipes nos campeonatos brasileiro e argentino de futebol. *Economia Aplicada*. Vol. 23. Num. 4. 2019. p. 113-144.

8-Frick, B.; Barros, C. P.; Prinz, J. Analysing head coach dismissals in the German "Bundesliga" with a mixed logit approach. *European Journal of Operational Research*. Vol. 200. Num. 1. 2010. p. 151-159.

9-Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª edição. São Paulo. Atlas. 2002.

10-Globoesporte. Rotatividade dos Técnicos. Site do GE da Globo. 2021. Disponível em: <<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/rotatividade-dos-tecnicos>>. Acesso em: 10/10/2021.

11-González-Gómez, F.; Picazo-Tadeo, A. J.; García-Rubio, M. Á. The impact of a mid-season change of manager on sporting performance. *Sport, Business and Management*. Vol. 1. Num. 1. 2011. p. 28-42.

12-Hughes, M.; Hughes, P.; Mellahi, K.; Guermat, C. Short-term versus long-term impact of managers: evidence from the football industry. *British Journal of Management*. Vol. 21. Num. 2. 2010. p. 571-589.

13-Nissen, R. Hired to be fired? Being a coach in Danish professional football. *International Journal of Sports Science & Coaching*. Vol. 11. Num. 2. 2016. p. 137-148.

14-Paola, M.; Scoppa, V. The effects of managerial turnover: Evidence from coach dismissals in Italian soccer teams. *Journal of Sports Economics*. Vol. 13. Num. 2. 2012. p. 152-168.

15-Rocaboy, Y.; Pavlik, M. Performance Expectations of Professional Sport Teams and In-Season Head Coach Dismissals-Evidence from the English and French Men's Football First Divisions. *Economies*. Vol. 8. Num. 4. 2020. p. 82.

16-Scelles, N.; Llorca, M. Head coach change and team performance in the French men's

football Ligue 1, 2000-2016. *Economics Bulletin*. Vol. 40. Num. 2. 2020. p. 920-937.

17-Superesportes. TV aumenta premiação para o Brasileiro 2019; veja novos valores. Site do Superesportes. 2019. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/04/noticia_futebol_nacional,576918/tv-aumenta-premiacao-para-o-brasileiro-2019-veja-novos-valores.shtml>. Acesso em: 21/11/2021.

18-Ter Weel, B. Does manager turnover improve firm performance? Evidence from Dutch soccer, 1986-2004. *De Economist*. Vol. 159. Num. 3. 2011. p. 279-303.

19-Van Ours, J. C.; Van Tuijl, M. A. In-season head-coach dismissals and the performance of professional football teams. *Economic Inquiry*. Vol. 54. Num. 1. 2016. p. 591-604.

20-Wipel, J.; Furtado, H. L.; Corrêa, C.; Gomes, L. Padrões de trocas de treinadores de futebol no Campeonato Brasileiro de Futebol Série A 2016. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. Vol. 10. Num. 40. 2018. p. 513-522.

21-Wirl, F.; Sagmeister, S. Changing of the guards: New coaches in Austria's premier football league. *Empirica*. Vol. 35. Num. 3. 2008. p. 267-278.

Autor correspondente:
Pedro Santos Ribeiro Lages.
pedro-srl@hotmail.com
Av. Prof. Moraes Rego, 1235.
Cidade Universitária, Recife-PE, Brasil.
CEP: 50670-901.

Recebido para publicação em 27/07/2022
Aceito em 26/08/2022